

MENEZES, Renata; FREITAS, Morena; BÁRTOLO, Lucas (org.). *Doces Santos: devoções a Cosme e Damião*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2020, 531 p. (Série Livros Digital, 21)

---

*Paulo Victor Leite Lopes*  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Natal, RN – Brasil  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9589-2248>

*“Só quem acredita vê  
Que essa vida é um doce”*

Arlindo Cruz, Jorge Carioca e Aluísio Machado

## UM DOCE DE LIVRO\*

“Pegar doce” ou “dar doce” são expressões comuns no subúrbio carioca, sobretudo, nos dias que antecedem a festa de Cosme e Damião. Formuladas na interação entre culturas e religiosidades populares, essas sentenças evocam lembranças e sentimentos de pertencimento daquelas e daqueles que as enunciam. Constituem memórias, pessoas, sociabilidades e sentimentos. O doce que se trata é mais que um alimento. Como somos lembrados em “*Doces Santos: devoções a Cosme e Damião*”, coletânea organizada por Renata Menezes, Morena Freitas e Lucas Bártole, mais que degustativo, o doce é adjetivo e metafórico.

Se os doces não são apenas doces, também os santos não são só católicos, os gêmeos não são dois, e as Crianças não são crianças. Por meio dos seus 11 capítulos, a obra oferece não apenas um quadro denso sobre a “especificidade da forma carioca” de devoção a Cosme e Damião, mas, em razão da combinação de diferentes abordagens metodológicas e campos de investimentos das autoras e autores, deve ser lida

---

\* Agradeço a Raquel dos Santos Sousa Lima (UFV) pela interlocução em torno da elaboração desta resenha.

como uma potente reflexão sobre as transformações no Brasil contemporâneo a partir de enquadramentos caros à antropologia da religião e da devoção, da festa e dos rituais, da alimentação, da família, infância e das gerações, da política, do patrimônio, da arte, das materialidades e da cidade.

A introdução e os três primeiros capítulos, escritos pelas organizadoras e pelo organizador do livro, cumprem a importante função de apresentar a pesquisa que deu origem à publicação<sup>2</sup> e o próprio fenômeno em análise. É lá que conhecemos questões basilares e, mais que isso, temos o nosso olhar redirecionado a partir das instigantes reflexões em torno das suas opções teórico-metodológicas. A festa de Cosme e Damião emerge por meio do movimento, das ações coletivas, da ordem e de um denso emaranhado de classificações sociais que, revelados nas etnografias, descortinam continuidades e rupturas na produção de sujeitos, relacionalidades, moralidades, temporalidades e espacialidades, nos fazendo observar o estabelecimento de diferenças e hierarquias a partir das celebrações e práticas apresentadas.

Em “Das formas e razões de dar doce”, Renata Menezes, tratando das motivações e práticas dos adultos para a distribuição dos “saquinhos”, apresenta uma das estimulantes contribuições da obra: a noção de “vida social do saquinho”. Com base em oportuna combinação de estratégias e espaços de pesquisa e da atenção à centralidade que os saquinhos possuem ante outras materialidades da/na festa, Menezes refletiu sobre os momentos de sua produção e distribuição, revelando a trama de classificações e aprendizados que emerge em torno das etapas e dos sujeitos envolvidos – onde comprar, quais doces, como e com quem montar, onde, com e para quem dar etc. Além das evidentes implicações a uma antropologia dos objetos, ao delinear o “processo metonímico” em que a qualidade de/dos doces, pessoas e suas relações se combinam, e aos estudos da técnica, examinando diferentes expedientes que articulam e transmitem aprendizados que tornam a devoção possível, uma consequência fundamental da proposição teórica-metodológica foi demonstrar que se opera uma espécie de alargamento do dia da festa, à medida que diversas ações se desenrolam antes e depois de sua expressão pública, em 27 de setembro, revelando que os saquinhos não só trazem doces, mas são acompanhados por coletividades, moralidades e reciprocidades.

Fruto da mesma pesquisa, o capítulo “Correndo atrás de doce”, de Morena Freitas, ao apresentar instigante reflexão acerca da noção de “reciprocidade” e ao eleger grupos de crianças em busca de doces como centro de sua análise, amplia o leque de contribuições da obra revelando o mundo de classificações operado pelas crianças, o aprendizado de formas e estratégias de pegar doces em dinâmicas inter e intrageracionais, bem como suas repercussões na relação com os ofertantes e na emergência de representações sobre criança e infância. Em torno do engajamento dos infantes na festa, Freitas lança luz sobre as suas formas de demonstração de gratidão,

2 Doces Santos: reciprocidade, relações inter-religiosas e fluxos urbanos em torno à devoção a Cosme e Damião no Rio de Janeiro”, coordenada por Renata Menezes (UFRJ) e financiada pela Faperj, através do Programa Jovem Cientista do Nosso Estado, entre 2013 e 2016.

consistindo no agradecimento dito e, sobretudo, manifesto por meio de um sorriso, pontos nevrálgicos da reciprocidade ao redor dos doces, visto que o gesto, lido como demonstrativo de alegria genuína, é o elemento mediador da graça – então – recebida pelos adultos com a distribuição dos saquinhos. A autora conclui que esses elementos não permitem tomar o “dar e receber saquinhos” como trocas econômicas, ao redor de noções como atos (des)interessados e cálculos racionais, ou ainda apartadas do universo da dádiva e da generosidade, trazendo interessantes apontamentos acerca da combinação entre gratuidade, reciprocidade e tempo na teoria antropológica.

Encerrando esse primeiro panorama da pesquisa *Doces Santos*, Lucas Bártolo, em “A Praça de Cosme e Damião: reciprocidade, sociabilidade e devoção em torno de um altar suburbano”, chama atenção para outras dinâmicas de classificação a partir de uma festa organizada por um grupo de amigas e amigos, familiares e vizinhas e vizinhos em uma praça. Ao observar o processo de redefinição do espaço pelo “tempo da festa” e as interações mantidas entre suas organizadoras e seus organizadores, as crianças e outras devotas e outros devotos que por lá passam, dada a presença de um altar permanente dedicado aos santos e/ou pelo reconhecimento do local em razão da festa ocorrer há décadas no mesmo lugar, o autor recupera as negociações entre os diferentes sujeitos e seus modos de apropriação do espaço, apontando para um processo de contínua (re)conversão de comportamentos, do tempo e de faixas territoriais tidos/as como íntimos/as ou públicos/as, sagrados/as ou profanos/as, delineando uma “sociabilidade festiva na praça”. Especialmente representativo do argumento e potente etnograficamente, é a maneira como Bártolo, inspirado na clássica discussão de Gilberto Freyre sobre o açúcar, examina a configuração dessa sociabilidade em diálogo com as comensalidades compartilhadas, quando o comer doce ou salgado, característico de sociabilidades distintas, articula-se às classificações dos espaços e pessoas e torna a celebração aos santos parte de uma devoção à vicinalidade, aos laços de parentesco e à amizade.

A ênfase etnográfica que caracteriza os três primeiros capítulos tem continuidade nos dois seguintes. Em “Encanterias para Cosme e Damião na Praça da Harmonia: memórias, performance, sincretismo e herança africana”, Sandra Carneiro examina uma festa promovida por uma companhia artística na região portuária do Rio de Janeiro. Em torno das motivações e práticas do “fazer a festa de Cosme e Damião”, a autora chama atenção para outros aspectos na (re)apropriação do espaço público, diferentes do capítulo anterior, revelando nexos específicos na combinação entre experiências de sincretismo e pluralismo religioso, intervenção urbana e “arte pública”. Tendo no horizonte os embates em torno da resistência à gentrificação e a definição daquela região como “território negro”, Carneiro conclui que a Encanteria evidencia a escolha de determinados coletivos por (re)ocupar o espaço público como estratégia de luta, consistindo, nesse caso, a ressignificação da devoção a Cosme e Damião ponto nodal e elemento de mediação entre arte, política e direito à cidade no contexto em análise.

Nina Bitar, em “O caruru de Cosme e Damião: promessa e devoção na cidade do Rio de Janeiro”, encerra as reflexões que tem a realização de celebrações em praças, apoiando-se, no entanto, em outra materialidade – o caruru – e em novas relações de troca/reciprocidade – aquelas que se conformam também por meio de dinâmicas de consumo e do trabalho. Ao acompanhar o cumprimento da promessa da baiana de acarajé que, em seu ponto de vendas em uma praça, oferece o prato que caracteriza a devoção aos santos na Bahia, Bitar observa como a comida opera como amalgama entre humanos e entidades, em um movimento em que a ingestão do caruru pelas e pelos clientes e transeuntes, sobretudo, crianças e população de rua, é tomada como forma de alimentar os santos, agradecer as conquistas alcançadas e “domesticar” a rua, local de onde a baiana retira seu sustento e é habitado por exus e outras entidades garantidoras do sucesso profissional e protetoras de/em eventuais conflitos. Em torno da distribuição do caruru em uma praça, portanto, é nos permitido compreender os encadeamentos específicos que reúnem redes de reciprocidade comerciais, religiosas e íntimas em articulação com concepções sobre a rua e o mundo do trabalho.

Partindo da correspondência entre a devoção a Cosme e Damião e aos Ibejis como mais uma expressão do encontro entre culturas africanas e europeias no Brasil, Stefania Capone, em “As crianças divinas: Ibejis, Erês e Egbé Òrun nas religiões afro-atlânticas”, chama atenção para a presença de outras “entidades infantis” no panteão iorubá – observando a relação do seu culto com elaborações a respeito da gemelaridade – e historiciza a emergência e conformação de uma “ligação ambígua”, fruto de um “mal-entendido produtivo”, entre ibejis, erês e crianças em grande parte dos cultos afro-brasileiros. Dessa reflexão cruzada, propõe instigante leitura a respeito dos diálogos possíveis que emergem a partir da chegada ao Brasil do culto aos *egbé òrun* e de suas específicas elaborações em torno das “crianças divinas”, ampliando o escopo de reflexão do livro para os efeitos contemporâneos do transnacionalismo na religião com base nessas devoções fortemente protagonizadas por líderes cubanos e nigerianos.

Ao inverter o que considera ser a forma recorrente de observar o sincretismo no Brasil, que privilegiaria o enquadramento de uma relação de sujeição das cosmologias africanas em sua “incorporação” ou “submissão” ao panteão católico, Tadeu Mourão, em “De médicos a meninos: arte e cosmologias negras e a transformação de Cosme e Damião no Brasil”, demonstra algumas formas de agenciamento e resistência que se evidenciariam a partir das características que as esculturas devocionais dos santos ganharam no Brasil. Em especial, dedica-se ao exame da emergência de um terceiro, Doum, que reporta a questão da gemelaridade, e a infantilização das imagens, representativo do deslocamento do carisma dos santos da medicina à infância. Mourão, além de ressaltar à porosidade e troca entre as tradições europeias e africanas em termos cosmológicos, aponta para o apagamento histórico da influência artística negra sobre aquilo que, em geral, é tomado como “arte sacra”, demonstrando

a produtividade de romper com a colonialidade que marca algumas formas de produção de conhecimento sobre as artes.

Nos capítulos seguintes, Morena Freitas e Lucas Rehen, a partir de rituais organizados em torno de Cosme e Damião e das crianças, demonstram os ganhos etnográficos ao olhar para as “brincadeiras” e outros elementos considerados característicos de crianças nessas celebrações. Mais que apontarem a existência de expressões/vivências lúdicas, suas reflexões lançam luz para a atualização dos sentidos de religioso e de infância com a ressignificação da relação entre “brincadeira” e “trabalho [espiritual]”. Freitas, em “Hoje tem alegria: as ibejadas e seus doces”, analisa as materialidades que, no decorrer das festas de umbanda, são investidas da capacidade de criar e experimentar a infância: doces, frutas, roupas, refrigerantes, brinquedos, potes, enfeites etc. Ao recorrer a uma abordagem sensorial, ressaltando os sabores, os cheiros, o tato, as sensações e os sons que constituem o ritual de celebração às entidades infantis, evidencia a centralidade que a comida assume no culto, observando a ampliação dos significados dos doces, que deve ser tomado como uma “categoria de classificação da experiência”.

A presença ritual e cosmológica de Cosme e Damião no Daime relaciona-se com o tema do diálogo inter-religioso não apenas pela incorporação da devoção em si, cuja origem reporta as aproximações entre o universo ayahuasqueiro e a umbanda, mas, como Lucas Rehen discorre em “Cosme e Damião na religiosidade ayahuasqueira”, por meio das transformações que verifica na “performance musical-corporal” no ritual daimista e das tensões e negociações daí decorrentes – ou a partir dali enunciados. Se tradicionalmente há uma representação entre os fiéis de que as celebrações e os cultos se caracterizam pela ordem, pela rigidez e pela contenção, a devoção aos santos gêmeos e suas formas específicas de expressão no rito, com a incorporação de brincadeiras e outros aspectos lúdicos nas performances dos sujeitos e da religião, têm fissurado aquela imagem e apontando para arranjos e conflitos no diálogo entre essas duas tradições. Nesse sentido, o capítulo traz uma interessante contribuição ao deslocar a Umbanda da posição de quem lê, interpreta e ressignifica outras tradições e cosmologias, para observá-la como polo emissor-matriz em referência a incorporação dessa devoção no universo ayahuasqueiro.

Em “Etnografia da recusa: negações, apagamentos e símbolos judaico-cristãos”, Lívia Reis adensa as reflexões sobre a materialidade e os agenciamentos (a partir) dos doces e propõe interessante interpretação acerca das recentes transformações no campo evangélico e dos direitos humanos no Brasil. Com base em dois contextos e estratégias de pesquisas diferentes, análise documental de matérias na *Folha Universal* e observação etnográfica de uma celebração voltada às crianças em uma denominação evangélica, a autora demonstra a reelaboração dos discursos e práticas de rejeição à devoção aos santos, destacando, sobretudo, uma espécie de suavização nas formas de demonização das celebrações e cultos caros à tradição “afrocatólica” e a atualização dessas práticas populares através de sua incorporação e combinação com referências

consideradas judaico-cristãs. Especialmente interessante, no entanto, é que o acionamento e a sacralização de referências sionistas-judaicas por setores evangélicos, como a centralidade que passa a ser conferida ao “povo hebreu”, seus feitos, objetos e símbolos nas celebrações e outras atividades desses segmentos religiosos, pode, nas reflexões de Reis, ser nuançada a partir do reconhecimento dos possíveis impactos de marcos legais e políticos trazidos por ações no campo do enfrentamento da intolerância religiosa no Brasil, resultando em novas formas e estratégias de afirmação dos evangélicos no espaço público que desafiam o modelo tradicional descrito como “pluralista exclusivista”.

No último capítulo, “Os doces santos no Rio de Janeiro do século XX”, Lucas Bártolo, a partir de pesquisa hemerográfica, reflete sobre as diversas formas de expressão da devoção aos santos ao longo de décadas e nos oferece oportuna interpretação sobre a sua (re)conversão em uma tradição do Rio de Janeiro, ressaltando as transformações nas dinâmicas sociais e na própria imprensa do período. Por meio da recuperação das informações, acompanhamos o deslocamento e ampliação da presença das celebrações e cultos pela cidade, pelas seções dos jornais e em torno dos sujeitos/atores que as agenciavam, mas também temos acesso às dinâmicas que, ao longo do século, colaboraram com a produção da imagem pública da devoção e enunciaram os conflitos decorrentes das múltiplas formas de experimentá-la. A partir disso, observamos que os embates em torno da definição da tradição e da autenticidade de determinadas práticas, atualizados pelos diversos atores em disputa e pelos jornais observados, são uma forma permanente na elaboração pública dessa devoção na cidade ao longo do século, nos levando a pensar que essas disputas são constitutivas da própria devoção.

Ao encerrarmos a leitura, somos mais uma vez conduzidos à devoção com base no ensaio fotográfico que, incluído como anexo no livro, também compôs uma exposição virtual.<sup>3</sup> Captando as emoções e sociabilidades em torno do dar e do correr atrás de doces e das celebrações domésticas e comunitárias, somando-se às imagens que recheiam a maior parte dos capítulos, o caderno de fotos, produzido por diferentes pesquisadoras e pesquisadores de *Doces Santos*, mostra que “o doce” também é experimentado pelas imagens. Nessa direção, um bastidor fundamental da obra e observável ao concluí-la está em sua origem. Diante dos desafios de acompanhar uma “festa multissituada” e “em movimento”, as organizadoras e o organizador informam que foi preciso desenvolver uma “etnografia do movimento em movimento” e de caráter coletivo. Movimento, no entanto, é indicativo não só dos deslocamentos físicos/territoriais, mas evoca processos de transformação, criação e trocas. Nesse sentido, vale destacar que *Doces Santos* é um produto, ou uma oferta, que se soma a outras (que inclui dissertações, tese, relatórios de iniciação científica e de pós-doutorado, exposição virtual etc.) dadas pelo Ludens (Laboratório de Antropologia do Lúdico e

3 A exposição *Doces Santos: as devoções a Cosme e Damião no Rio de Janeiro*, realizada entre os dias 21 de setembro e 25 de outubro de 2020, ainda pode ser visitada no perfil @ludensmn no Instagram.

do Sagrado) em torno dessa devoção e a partir do engajamento de múltiplas pessoas, de diferentes instituições, em distintas etapas de formação, de estudantes do Ensino Médio a docentes do Ensino Superior, mostrando que a força do trabalho colaborativo e do diálogo além da universidade não se perde em chamas, como as que incendiaram o Museu Nacional/UFRJ em 2018, instituição que sedia o laboratório.

Como a criança que fica até o fim do dia em busca de saquinhos procurando prolongar a festa e ganhar mais, o livro nos deixa um desejo similar em algumas temáticas que podem ser aprofundadas em novas pesquisas e publicações. De maneira especial, as celebrações e os cultos no interior de paróquias e outros espaços católicos pode ganhar maior protagonismo, observando as suas formas de expressão e nuances, como as que existem entre o dia oficial e o oficioso da festa, respectivamente, 26 e 27 de setembro, ou ainda na revelação do modo como a devoção é praticada no decorrer do ano e sem o vínculo direto com a festa. Outras duas questões mencionadas que deixam o mesmo gosto doce são a expressão da fé e a presença dos santos em referências da música popular, trazida também na epígrafe desta resenha com a citação de um samba, e as práticas comerciais e sociabilidades que (re)organizam um grande mercado que serve à festa no subúrbio carioca, o popular Mercado de Madureira. Diante das múltiplas questões, dos limites e desafios que emergem com a organização de uma coletânea tão diversa como essa, os deslocamentos e negociações entre diferentes concepções da festa, como as que ora parecem elaborá-la como “popular”, ora como “destinada a pobres”, bem como as diferentes conclusões alcançadas pelas autoras e autores, evidencia-se a relevância da continuidade desses investimentos como forma de conhecer algumas transformações que marcam o Brasil contemporâneo.

Por fim, é preciso pontuar que a potência do livro também está na eleição do tema e do seu enquadramento. Ao trazer aportes e interpretações acerca de uma devoção articulada no espaço público e a partir da centralidade das crianças, contribui para reflexões e enfrentamentos em torno da intolerância religiosa, observando suas manifestações, apontando transformações e caminhos, como também relatam a resistência daquelas e daqueles que permanecem ocupando as ruas, não abrindo mão desses espaços para convívio, partilha e realizações coletivas. Além disso, ao lançar luz acerca das presenças e elaborações sobre/das crianças físicas e espirituais, demonstra o poder e os agenciamentos dos seus conhecimentos e brincadeiras, evidenciando que a infância não é só momento de aprender, mas forma de educar, ser educado e experimentar a vida. Nessa direção, concluo a escrita desta resenha revelando que durante a leitura revivi algumas experiências de receber e dar doces de Cosme e Damião que, desejoso de compartilhar essa dádiva, também me faz convidar a leitora e o leitor a correr atrás desse livro-oferta, uma espécie de saquinho de doces (e dos bons!) dado a todas e todos nós!

**Paulo Victor Leite Lopes\*** (paulovleitelopes@gmail.com)

\* Professor do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, RN, Brasil; Coordenador do Núcleo Interdisciplinar de Estudos em Diversidade Sexual, Gênero e Direitos Humanos – Tirésias, UFRN; Doutor em Antropologia Social pelo PPGAS/MN/UFRJ.